

**BARBOSA, E.; FERNANDES, J.; FURTADO, J. M.; WANDERLEY, O.**

**A cidade do Natal – Rio Grande do Norte — Os anos 1920, sob a ótica dos  
colaboradores da revista *Cigarra* (1928-1929-1930)**

BARBOSA, Edgar. Minha cidade morta. *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 16, mar. 1929;

FERNANDES, Jorge. Potengy. *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 16, mar. 1929;

FURTADO, J. M. Domingos. *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 16-17, mar. 1929;

FURTADO, J. M. Scena moderna. *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 18, mar. 1929;

WANDERLEY, O. As árvores da avenida. *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 18, mar. 1929;



## VAS SPIRITUALE



MINHA CIDADE MORTA — De EDGAR BARBOSA—Quando te encontro assim minúscula e humilde, escondida nos escaninhos da memória, minha querida cidade morta, parece-me uma paisagem que a morte levou, lentamente, suavemente, entre um crepúsculo e uma noite, para o nunca mais.

Porém quando te vejo toda linda, toda verde em meus olhos doidos por te olharem, és para mim quasi menina, merecedora de uma rosea boneca de cellulóide...

E não me desilude o teu colorido antigo; não me aborrece a tua monotonia; não me cansam os teus raics de só, nem as tuas manhãs douradas, nem as tuas mesmas árvores, nem as tuas mesmas casas...

Esse teu cheiro bom de terra moça e virgem ainda não se diluiu em meu olfacto; esse teu perfume anda esparsopelas madrugadas, pelas tardes de aves inquietas e felizes, pelo teu forte só de meio-dia. Minha cidade, minha pobre cidade...

Existes em todos os meus sentidos, palpitas em todas as minhas emoções...

Vejo-te sempre com o teu largo vestido verde, com as torres altas de tua igreja; vejo-te ainda em minha lembrança e no meu sonho...

Deixa que os outros digam que tu morres.

Deixa que te julguem uma cidade tumulto, uma cidade deserta. Não deixaste de ser ainda, para mim, a cidade illusão...

E' pela esperança que me trazes, pela saudade que me deixas, pelo carinho que me concedes, minha triste cidade morta, para sempre morta, é por todas as coisas que me offertas em tua ternura e em tua beleza, que eu fecho os olhos ás tuas ruínas e soffro contigo em teu desgosto...

Não chores porque os teus muros grisalhos te sepultam; não maldigas esse teu silencio suave, e continua em tua volúpia de ser triste, ironicamente triste, com o teu largo vestido verde e os teus risonhos po-

entes, minha cidade illusão, minha cidade vida, minha querida cidade morta...

POTENGY — DE JORGE FERNANDES—Potengy é o nome do grande rio de minha terra...

E' o porto de minha Cidade, todo cercado de môrros para o lado do norte e para o lado do sul.

E' o rio que quasi todos os poetas daqui tem cantado as suas tristezas: «Potengy de magoas e saudades»; «Potengy de luar saudoso.» «Potengy reflectindo um céu de estrellas tristes...»

Não olharam, os nossos poetas, com os olhos alegres como elle merece.

Não olharam não! Elle ficou sempre nas canções e recitativos o rio de magoas e saudades, de luar saudoso, e reflectindo um céu de estrellas tristes...

Rio triste, porque? Se elle é o rio de grande sol. Cheio de pequenas embarcações, cheio de navios que entram e sahem barra afora...

Rio cheio de lanchas dynamicas de apitos estridentes em torno dos transatlânticos, dos cargueiros sizudos e fumegantes. Rio amplo, lindo, onde as azas victoriosas de Hydro-Aviões descançam das viagens gigantescas de continente a continente.

Elle é o rio alegre das regatas. Rio de nadadores destemidos. Rio claro de hyates engalanados nas festas dos Reis Magos... Dos bofes veleiros em serenatas... Rio que nunca me levou barra afora, para ver o grande mundo lá longe, mas que me tem proporcionado sensações fortes dentro de minha pequena e linda Cidade natal...

DOMINGOS — De J. M. FURTADO — Domingo! Dia cor de luz e de saude! Quando elle me visita luminosamente, no primeiro raio do sol, eu me sinto feliz! Renasce-me a vida, como se alguma coisa de puro, de virginal, cantasse, palpitasse, estremeceesse, dentro de

BARBOSA, Edgar. Minha cidade morta. *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 16, mar. 1929

FERNANDES, Jorge. Potengy. *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 16, mar. 1929

FURTADO, J. M. Domingos. *Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 16-17, mar. 1929

CIGARRA

mim, com a voz do sino, a gritar, a cantar, na manhã festiva!... E' que a cidade se veste como uma princesita de ballada e sorri e sae á rua, saracoteando a sua exigua saia de *tennis* e baila, no sol, a dança alacre da alegria espantosa de ser feliz.

A cidade é, para mim, cada vulto elegante de patricia bonita que acende desejos e aspirações em nossos olhos contentes de garotos da vida. Aquella que lá vae, deixa, na graça hespanhola do seu andar de princeza da mocidade uma illusão de perturbadora felicidade... Lá vae a se perder ao longe debaixo da olheira escura da porta grande da Igreja, roubada á minha admiração pelo amor dos nichos e a fascinação das imagens...

Domingo! Manhã! Em pleno sol, no centro da praça larga, eu tenho desejos de gritar: Viva a luz! Viva a luz! Manhãs de domingo! Que a côr da alegria pompeia sempre em meus olhos e em minha vida, cuja beleza cabe toda na moldura humida de dois olhos profundos como o céu e suaves como um perfume...

Continuação de:

FURTADO, J. M. Domingos.

*Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 16-17, mar. 1929

CIGARRA

FURTADO, J. M. Cena moderna.  
*Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 18, mar.  
1929

WANDERLEY, O. As árvores da avenida.  
*Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 18, mar.  
1929

primitiva. Folhas mortas—illusões que se foram—boiavam á flor da corrente já turva, no caminho do seu destino»... E o poeta romantico agitava os mãos e acompanhava com gestos audaciosos a audacia do symbolismo. E o pensador ultra-moderno, interessado por aquella immensa dor, perguntou-lhe:— Porque não se suicida? E o poeta romantico. — « Que historia, amigo. E' melhor tomarmos um *cock-tail*».

AS ARVORES DA AVENIDA — DE O. WANDERLEY — Eu sempre tive uma grande estima, comovedora e sincera, pelas velhas arvores da avenida...

Quando, um dia destes, me disseram que o machado rude do lenhador penetrara fundo nas frondes magestosas das minhas primeiras amigas, reclinando-lhes os troncos e as raizes, confesso que tive uma vontade enorme de chorar...

Lembrei-me dos meus dias de juventude, quando, então, defendido das horas cálidas do meio dia, eu encontrava agasalho e sombra, paz e tranquillidade, sob aquellas magnificas e imponentes munguebeiras da cidade

Commoveu-me, é certo, a desmonta que o genio do homem ordenára, em favor da belleza e da esthetica, e da harmonia de Natal.

Fui vel-as de perto. Lá estavam ellas estendidas ao chão, gottejando ainda os ultimos restos da seiva primitiva, maravilhosa e fecunda. Lá estavam ellas, feridas, despidas de fôlhas e de ninhos, exgottadas de exhuberancia e de belleza. Lá estavam as minhas primeiras namoradas atiradas á cubiça do póvo, emalariado cruel, ante a queda fragorosa dos gigantes...

A rua mostra agora, desde o dia em que tombaram as primeiras arvores da avenida, a essada ridicula de velhas e deselegantes habitações.

O terreno desnudo apparece ermo e triste, como se fôra o esquife dos ultimos estertôres das lindas arvores que se conservaram de pé, restituindo á terra a riqueza maravilhosa da sua sombra e do seu carinho.

Daquelle trêcho, nem uma só das munguebeiras vive mais...

Todas se fôram. E outras hão de ir.

Que exemplo de resignação e de bondade não nos deram ellas! Nem um gemido, um só, partiu da alma simples e boa das minhas amigas.

Como foi doloroso vel-as assim, estendidas á flor

SCENA MODDERNA — DE J. M. FURTADO — ...«Nasci puro como as aguas claras daquella fonte. Como aquellas aguas eu sahi a percorrer o meu destino, ao longo da vida. Era a principio um corrego azul, entre seixos alvos, rebrilhantes ao sol. O céu e as phantasias das nuvens vinham brincar de «esconder» no espelho das minhas aguas translucidas e os passaros, bebidos de liberdade e de luz, vinham humedecer as suas pennas ás minhas margens. Depois cresceram as min'as aguas. Cresceram e foram perdendo a claridade

CIGARRA

do sólo, de aspecto viril, mudas as feições da fronde, abaladas, enalvecidas, prêtes a arder, e a queimar-se, na re-mettida selvagem das labarêdas?

Alongando os olhos contemplativos pela vasta aspe-rêza do scenario tão tristemente desolado, eu pude ainda recompôr na memoria e no coração, aquella pagina seduc-tôra do «La montagne», criada pelo espirito emotivo de Michelet e através da qual vê-se a arvore cercada de offe-rendas, desde que nasce nas achadas asiaticas, até que se nutre e cresce nos barrancos dos Alpes, entre os gêlos. Eu pude me recordar, para consôlo, talvez, das minhas illusões, dos recantos virentes de Epidauro, onde nymphas traba-lhavam e onde se dizia que vozes sussurravam, pronun-ciando augurios...

Quando as vi alli estendidas, desafiando na sua fôr-ça e na magestade dos troncos a magestade e a fôrça dos potentados, com os braços estendidos sobre a areia e a rêde de pedras da avenida, evoquei com ternura as carvalheiras de Thessalia, os templos diversorios de Eleusis. Evoquei no perpassar de paginas floridas, borbullantes de lyrismo e de inspiração, as arvores generosas de Pallas, refrescando a antiga adustão e transfigurando o silencio triste em fontes gotejantes e gorgeios de aves.

E o machado continuava impiedôso, a ferir de mor-te as minhas primeiras namoradas...

Hoje, quem relancear os olhos por aquelle pedaço desnudo da avenida, talvez ainda possa encontrar as rama-das humildes e os galhos esquecidos pela areia do caminho.

Velhas mungubeiras da avenida, arvores do meu passado, as poucas que ainda lá estão condemnadas á qué-da fatal, minhas velhas amigas, prometto-lhes, a todas vo-cês, que um dia, quando de mim desaparecerem todas as illusões e todos os soffrimentos e que eu penetrar, na man-são eterna, antes pedirei para dormir o somno da morte, o somno do nunca mais, ainda sob a sombra das minhas primeiras namoradas, exemplos de belleza, de bondade, e de resignação, a quem muito eu quiz na vida, e junto das quaes hei de morrer em louvôr de sua recordação.

Continuação de:

WANDERLEY, O. As árvores da avenida.  
*Cigarra*. Natal, Ano 3, n. 5, p. 18, mar.  
1929